



 **INFLUXO DAS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS INOVADORAS  
EUROPEIAS NO ESCOLANOVISTA PORTUGUÊS  
JOAQUIM TOMÁS (1863-1973)**

*INFLUENCE OF INNOVATIVE EUROPEAN EDUCATIONAL EXPERIENCES IN THE PORTUGUESE NEW SCHOOL JOAQUIM TOMÁS (1863-1973)*

 **Ernesto Candeias Martins**

Doutor em Ciências da educação C/Agregação Titulação maior  
Instituto Politécnico de Castelo Branco - IPCB  
Castelo Branco - Portugal  
[ernesto@ipcb.pt](mailto:ernesto@ipcb.pt)

**Resumo:** Estudo de natureza histórico-documental sobre o escolanovista J. Tomás, com recurso à metodologia hermenêutica na análise interpretativa às fontes (primárias, secundárias), complementada com as entrevistas a um familiar, que nos permitiram, no contexto do ambiente educativo/ensino da época, analisar o percurso de vida e de professor/inspetor do ensino primário deste admirador dos ideais da Escola Nova e das experiências escolares inovadoras na Europa. O método hermenêutico fez-nos contextualizar esta figura de pedagogo no tempo sócio-histórico e político. Norteámo-nos pelos seguintes objetivos: analisar e compreender à luz da época este pedagogo, pela autenticidade e confiabilidade documental e pela natureza da interpretação argumentativa no seio da pedagogia moderna; o ambiente educativo e as ações de J. Tomás; identificar as influências da Escola Nova neste pedagogo; valorizar esta figura pedagógica para a História da Educação em Portugal. Neste resgate da memória, quisemos aprofundar os contributos didático-pedagógicos de J. Tomás para o ensino primário e para a formação de professores.

**Palavras-chave:** movimento escola nova; Joaquim Tomás; ensino primário; inovação educativa; escolas europeias.

**Abstract:** Study of a historical-documentary nature on Escola Nova J. Tomás, using hermeneutic methodology in the interpretation of sources (primary, secondary), complemented with interviews with a family member, which allowed us, in the context of the educational/teaching environment of the time, analyse his life path as a primary school teacher/inspector, this admirer of the ideals of the New School and innovative school experiences in Europe. The hermeneutic method made us contextualize this figure of pedagogue in socio-historical and political time. We were guided by the following objectives: to analyse, understand, in the light of the time, this pedagogue through the authenticity and reliability of documents and the nature of argumentative interpretation within modern pedagogy; the educational environment and the actions of J. Tomás; identify the influences of the Escola Nova on this pedagogue; value this pedagogical figure for the History of Education in Portugal. In this memory recovery we wanted to delve deeper into J. Tomás' didactic-pedagogical contributions to primary education and teacher training.

**Keywords:** new school movement; Joaquim Tomás; primary school; educational innovation; european schools.

**Para citar – ABNT NBR 6023:2018**

MARTINS, Ernesto Candeias. Influxo das experiências educativas inovadoras europeias no escolanovista português Joaquim Tomás (1863-1973). *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 4-16, jan./jun. 2024.  
<https://doi.org/10.5585/cpg.v23n1.26165>

## Introdução

Este texto, em moldes ensaísticos aborda a figura pedagógica de Joaquim Tomás (nasceu em Castelo Branco a 27/09/1879; faleceu em Lisboa a 16/01/1973), filho de M.<sup>a</sup> da Conceição e de Domingos Tomaz, no contexto específico da viragem das ideias Escola Nova no ensino da época em Portugal, que originou o surgimento de educadores ligados a esse movimento renovador. A vida deste pedagogo percorreu vários regimes político-ideológicos desde os finais da Monarquia Constitucional até finais do Estado Novo. Frequentou a escola primária na sua terra natal (Retaxo), o curso dos liceus em Castelo Branco e a Escola Primária Superior de Castelo Branco, onde terminou o curso, com 19 anos de idade, para obtenção do Diploma de Professor do Ensino Primário, com 11 valores nas provas finais, no dia 22/08/1899, passando a fazer parte do primeiro grupo de diplomados desta instituição de habilitação para o magistério primário (Goulão, 2005). O recém formado professor inicia a sua carreira docente em 1900, até 1910, altura em que é nomeado subinspetor-chefe do ensino primário, numa época de grande destaque à organização da inspeção escolar em Portugal. No exame, em 1910, para Subinspetor Primário, obtém a nota de 14 valores (prova escrita) e 17 valores (prova oral e práticas), numa média final de 15,5/16 valores. O dito concurso público foi presidido pelo professor de Coimbra Augusto J. Alves dos Santos, pedagogo divulgador das ideias da Escola Nova. Na apresentação do Relatório Final dessas provas, J. Tomás referiu um circunstanciado elenco de deficiências sentidas, de forma geral, em todo o sistema de ensino primário na época, havendo a necessidade de renovar muitas medidas e métodos, em especial as metodologias da educação. No dizer de Francisco Goulão (2003, pág. 563) o parecer do relator das provas (Santos, 1913, pág. 279-280) indicava uma “[...] classificação satisfatória, face às carências gerais reveladas pelos candidatos no desenvolvimento dos temas solicitados nas provas escritas, que abordaram a área da psicofisiologia infantil e da ciência da educação, da metodologia do ensino primário e de legislação escolar”. Ou seja, as provas realizadas pelo jovem professor deixaram muito a desejar, mas devemos reconhecer a sua significativa evolução científico-pedagógica, cultural e domínio didático, de experiência e investimento pessoal, desde a conclusão do seu curso de professor (Goulão, 2003).

No ano letivo de 1908-1909 foi-lhe concedido um prémio pecuniário por elevados serviços prestados como professor em Tomar, tendo sido promovido depois ao cargo de reitor da Academia de Santarém. Obteve alguns louvores do Ministério, como em 1907 e em 1928, pela dedicação à causa do Ensino. Por diversas vezes é designado secretário da Comissão de Livros e Programas do Ensino Primário (1925-28) é nomeado Diretor do Distrito Escolar de Santarém (ano letivo de 1927-28) e ainda presidiu, no início da década de 30, em Lisboa e no Porto, aos Exames de Estado

de acesso ao Magistério Primário e, em 1934, em Braga. Estamos num período de ascensão e influência dos movimentos católicos com a educação/ensino do regime e daí, J. Tomás, sendo padre, disponibiliza-se a colaborar com o novo regime. O seu empenho profissional permitiu-lhe desenvolver as ideias escolanovistas, muito devido às visitas realizadas pela Europa a diversas escolas (Tomás, 1958).

Foi um dos fundadores da *Revista Escolar* (entre 1921-1935), assumindo o cargo de secretário da redação em 1925, sendo diretor o seu conterrâneo pedagogo A. Faria de Vasconcelos, e ainda colabora no periódico '*A Escola Primária*', órgão português da '*Ligue Internationale pour L'Éducation Nouvelle*'. Converteu-se num fervoroso admirador e seguidor de experiências educativas realizadas na Europa, para além da leitura assídua de publicações estrangeiras que fazia, já que pertencia ao corpo redatorial de algumas revistas pedagógicas (Nóvoa, 2003).

Nas palavras do seu sobrinho-neto (Sr. Aníbal Tomás) a sua vocação 'sacerdotal' evidenciou-se logo em jovem, durante o curso de Teologia, no Seminário de Portalegre. Chegou a exercer simultaneamente as funções docentes com as eclesiais, numa paróquia da diocese de Portalegre e Castelo Branco no quadro de professores do ensino primário do distrito de Castelo Branco (1901-1910) e, posteriormente, entre 1910 a 1936, exercendo as funções de Inspetor-Chefe do Ensino Primário em vários círculos escolares (Goulão, 2003).

Realizámos uma pesquisa histórico-descritiva e documental à volta dos influxos das ideias da Educação Nova em Portugal e em especial da figura pedagógica de J. Tomás, inserida na História da Educação, que é um domínio epistemológico referente à História quanto à Educação, que contribui para analisarmos e interpretarmos os processos, as mudanças e as continuidades de ações da educação no período histórico de análise. Este compreende a ação de J. Tomás, nas suas funções didático-pedagógicas de ensino primário, de finais da Monarquia Constitucional, na 1.ª República (1910-26), na Ditadura Militar (1926-28) e no Estado Novo salazarista e marcelista até à aurora do 25 de Abril de 1974. Recorremos à metodologia hermenêutica, devedora do texto/linguagem e mediadora na pesquisa e interpretação das fontes documentais, contextualizadas no tempo socio-histórico e político, com uma atenção especial às visitas a várias instituições educativas europeias realizadas por J. Tomás, na descoberta e absorvência de conhecimentos pedagógicos inovadores (Tomás, 1930a). O método hermenêutico foi o nosso meio de interpretação procurando refletir criticamente sobre o discurso educativo renovador (Pintassilgo, 2018) e respetivas implicações na figura pedagógica de J. Tomás.

O processo heurístico de pesquisa levou-nos a manusear fontes em: centros de documentação (Torre do Tombo, Biblioteca Nacional, bibliotecas municipais, hemerotecas, etc.); no Seminário de Portalegre e na Paróquia de São Nicolau (Lisboa) relativamente ao seu período de 'Padre'

(em vão, pois não obtivemos elementos dignos de registo); tivemos acesso ao espólio documental da família (documentos, fotografias) e registos de relatos de vida, provenientes das entrevistas realizadas ao sobrinho-neto Sr. Aníbal José Pires Gonçalves Tomás, entre 2018-2019, no seu domicílio (Retaxo-Castelo Branco), tendo este autorizado a divulgação das informações. Esta figura pedagógica foi no seu tempo carinhosamente apelidada de “*Ti Padre*”, designação muito utilizada pelo entrevistado, cujo pai era sobrinho e afilhado de Joaquim Tomás, tendo, por isso, o nome do tio. O próprio Sr. Aníbal Tomás expressou ao semanário regional ‘*A Reconquista*’ (semanário local) que a terra natal “[...] bem poderia promover uma merecida homenagem a este ilustre Retaxense, atribuindo o nome deste conterrâneo a uma das artérias daquela airosa Freguesia” (Reconquista, 22/09/2006).

Por conseguinte, pretendemos resgatar para a ‘Educação’ e Memória Coletiva este pedagogo, sabendo da escassez de fontes primárias do biografado e de fontes secundárias no contexto socio-histórico e educativo da época. Na base de abordagem de dois pontos, conseguimos aprofundar o ambiente educativo e do ensino na época de J. Tomás e, depois, as suas visitas europeias a várias instituições. Deste modo, triangulámos diversas fontes documentais e do espólio da família e as narrações recolhidas pelo sobrinho-neto, reconstruindo o percurso deste pedagogo.

## 1 O ambiente educativo e do ensino na época

Após a implantação da República, em 1910, o Governo promulgou a Reforma do Ensino Primário pelo Decreto de 29/03/1911, cujo Preâmbulo expressava a intenção de “[...] Educar uma sociedade é fazê-la progredir “[...] E só se pode fazer progredir e desenvolver uma sociedade fazendo com que a ação contínua, incessante e persistente da educação atinja o ser humano sob o tríplice aspeto: físico, intelectual e moral” (Proença, 2014). Além disso, o anticlericalismo positivista não tinha o suficiente impacto para harmonizar as várias sensibilidades dos estratos sociais mais elevados e era recusado pelas camadas populares, sobretudo do campo. A educação integral foi o fulcro do ideário da escola republicana, mas ingenuamente idealista quanto às virtualidades da educação popular, e desmesuradamente otimistas, quanto à possibilidade de proceder ao seu aprofundamento e à sua generalização, já que os governantes se mostraram mais generosos do que pragmáticos na definição das metas para a política educativa (Bianchi, 2000). Alguns ilustres pensadores e pedagogos que integraram as filas republicanas acolheram as ideias da Escola Nova e da pedagogia moderna, ensaiando através da pedagogia experimental e militando como ativistas na construção do (novo) saber pedagógico e da consciência profissional da docência portuguesa (Pintassilgo, 2018): Adolfo Lima, Alberto Pimentel Filho, Álvaro Viana de Lemos, A. Joaquim Alves dos Santos,

António Aurélio da Costa Ferreira, António Sérgio, César Porto, Faria de Vasconcelos, F. Adolfo Coelho, João de Barros, João de Deus Ramos, José de Matos Sobral Cid, Leonardo Coimbra, Manuel Borges Grainha, Sílvio Lima, Sílvio Pélico Filho e outros, impregnados pelo higienismo pedagógico.

Mais tarde o regime salazarista do Estado Novo impôs o valor fundamental da *Nação*, pensada como um sujeito coletivo dotado de identidade própria e de interesses permanentes que deveriam sobrepor-se a todos os outros. No dizer de Bianchi (2000, pág. 17), pretendia-se manter e aperfeiçoar a alma portuguesa num “[...] esforço deliberado e cuidadoso de cultivo das aptidões de uns poucos excepcionalmente dotados, que levaria à formação de elites que pudessem ser modelo e guia dos que não tivessem sido tão bafejados pela sorte ou insondáveis desígnios de Deus”

J. Tomás viveu o seu percurso profissional num ambiente envolto pela instabilidade e desgaste das forças políticas, parlamentares e governamentais, em especial na 1.<sup>a</sup> República (constante queda de governos/ministérios), seguido de tempos conturbados após o golpe militar de 1926, de tal modo que o Decreto-Lei n.º 13619, de 1927, reduzirá a escolaridade obrigatória para 4 anos, com proibição da coeducação, mas mantendo a divisão do ensino primário nas categorias de: infantil, primário elementar e primário complementar (Serrão, 2018). A 30 de novembro de 1931, o Governo salazarista criou os ‘*postos de ensino*’ (papel dos regentes escolares), como instrumento em prol da diminuição do número de iletrados, ou seja, na tentativa de resolver o problema do analfabetismo elevado existente (entre 1930 a 1970 a taxa alfabetismo atingiu 61,8%, em 1930 e diminuiu para 20,5%, em 1970). A taxa de analfabetismo, principalmente a infantil, era preocupante, pois superava os 75% de analfabetos (Mónica, 1978), levando o Governo a publicar o Decreto-Lei n.º 20181, de 1933, que estabelece um novo processo de criação de escolas, que estabelecia a intervenção nesta matéria das câmaras municipais, as quais eram igualmente responsáveis pelas condições do funcionamento/manutenção do parque escolar (Sampaio, 1976).

No início do Estado Novo houve um período (político) de combate ideológico e de medidas destinadas a cativar os setores da população numa base social de apoio (décadas de 30 e 40), seguindo-se-lhe um período (tecnocrático) com algumas reformas, com pouco efetividade, correspondente aos primeiros anos da década de 70. Para solucionar problemas antigos, como o do analfabetismo ou para satisfazer necessidades emergentes, como a especialização dos perfis profissionais perante as modificações tecnológicas, económicas e sociais (do pós-guerra), os governantes reconheceram a possibilidade de transformar, mais ou menos profundamente, as instituições educativas (exigências das décadas de 50 e 60) (Bianchi, 2000; Serrão 2018).

Evidentemente que o regime salazarista deu especial atenção à doutrinação ideológica (símbolos – ícones na sala de aula), sendo uma dessas formas a obrigatoriedade e os manuais escolares,

que perduravam no tempo, com uma grande estabilidade nos textos e ilustrações, com a inclusão de citações/referências como verdadeiros tópicos de propaganda política (a família, o império colonial, a sã convivência das classes sociais e das raças, as grandes obras públicas, o culto do passado, o cristianismo, a cultura popular, etc.), isto é, cumpriam as intenções e objetivos subjacentes ao regime (figura de António Ferro como responsável da Propaganda Nacional). Tendo “[...] exercido as suas funções oficiais em período de disciplina férrea própria da ditadura, Joaquim Tomaz procurou exercer a sua missão profissional docente à luz de uma pedagogia de abertura que ia alimentar na experiência estrangeira, guiada pela doutrina cristã que professava na sua qualidade de sacerdote” (Goulão, 2003, pág. 568). O sistema educativo pouco ou nada valorizava a cultura, defendia melhor a ignorância como fator de felicidade do povo, daí a pretensão política de dar uma formação que não fosse muito além do ABC do português: ‘*saber ler, escrever e contar*’, através do processo de escolarização mínima orientada de forma pragmática para todos os portugueses e na base da estruturação do universo ideológico preconizado pelo regime (Carvalho, 1986). A inculcação ideológica e moral (valores) feita pelo salazarismo condicionava os portugueses pela doutrinação política, através da escola nacionalista, que estava assente na diferença entre educação e instrução (ensino de métodos, técnicas e práticas científicas). Enquanto o educar era transmitir conhecimentos e valores (ou contravalores), coincidente com a educação do Estado Novo, o instruir era transmitir conhecimentos sem inculcar valores, algo em que o Estado Novo não estava interessado, pois o seu objetivo era a formação de consciências e a integração na ordem social. A escola preparava cidadãos aptos para o trabalho, essencialmente braçal e no campo, enquanto educava no sentido da obediência e respeito pela autoridade (Almeida, 2011; Serrão, 2018).

## 2 As visitas a escolas europeias inovadoras

J. Tomás vive numa época em que se expandiram as ideias da Educação/Escola Nova. Foi um admirador de Pestalozzi, Fröbel e de alguns pedagogos do Movimento da Escola Nova, tendo aplicado estratégias/técnicas de alguns deles. Teve a intenção de conhecer essas novas perspectivas psicopedagógicas e, por isso viaja, durante três meses (abril a junho de 1930) a Espanha, França, Bélgica e Suíça. Antes de partir, obteve cartas de recomendação passadas por algumas personalidades pedagógicas, como a do seu amigo diretor do Instituto de Orientação Profissional de Lisboa, A. Faria de Vasconcelos, que lhe serviram para ser mais bem atendido no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra/Suíça (Veríssimo, 2007). O pedagogo J. Tomás pretendia conhecer experiências práticas europeias, aprender novas estratégias/metodologias de ensino, para além do contacto pessoal com outras culturas e mentalidades daqueles países sobre a educação (Tomás, 1930a, p. 7-8):

[...] uma natural curiosidade de conhecer e aprender, incitaram-nos a solicitar da Junta da Educação Nacional um subsídio para realizarmos uma pequena excursão pedagógica (...) Mas o que nela observámos resultaria pouco menos do que inútil para a escola do nosso país, se nos restringíssemos à observância daquela cláusula, e, por isso, resolvemos dar à publicidade as notas que, diariamente, tomámos.

O Relatório da sua excursão pedagógica pela Europa é bastante extenso (quase 400 páginas), apresentando uma boa escrita pedagógica, contextualizada nos períodos temporais do seu percurso, com pormenores de diário (notas), descrevendo informações pedagógicas valiosas, sempre acompanhadas de comentários sobre a realidade do ensino no estrangeiro, para além de narrar as suas impressões e observações nas instituições educativas visitadas, com os encontros com personagens pedagógicas e, ainda as opiniões do que viu e viveu. Parte da estação de Santa Apolónia, em Lisboa, a 29/abril/1930, para Madrid, levando o *'Guide du Voyageur s'intéressant aux écoles'* e usufruindo dum modesto subsídio dado pela Junta de Educação Nacional, que era insuficiente para enfrentar as despesas elevadas, em função do nível de vida naqueles países europeus (Goulão, 2003).

Vejamos as referências das escolas visitadas nos diversos países europeus e a análise às ideias inovadoras que chamaram a atenção de Joaquim Tomás (1930 a), na viagem de estudo pedagógica.

\*-Espanha. Chegada a 29/abril/1930 a Madrid e visita a algumas escolas, em especial a Escola Normal de Formação de 'Maestros' – *La Florida*, as escolas Cervantes, do Príncipe das Astúrias e Conde Peñalver. Na Escola 'Cervantes' (construída entre 1911-14), cujo primeiro diretor foi Angel Llorca, tem uma atenção mais aprofundada, pois seguia as diretrizes pedagógicas modernas, quer nos espaços (diretrizes higienistas), no mobiliário escolar e tipo de ensino (influência da *ILE – Institución Libre de Enseñanza*, inspirada na filosofia krausista, introduzida na Universidade Central de Madrid por Júlían Sanz del Río), com grande repercussão na renovação educativa e na vida intelectual espanhola, tendo como base: a pedagogia e/ou o ensino intuitivo (influência do ambientalismo pedagógico) no contacto direto da criança com a natureza físico-natural (envolvente); métodos pedagógicos diversificados e ativos; atenção ao cuidado físico, higiénico e atividades ao ar livre dos alunos; educação prática, ensinando-se o aluno a 'saber fazer' as coisas, envolvendo-o de forma ativa; Instruir e educar o carácter (dimensão moral); desenvolvimento do corpo paralelo ao do espírito, com práticas de atividades desportivas, com participação dos familiares; avaliação contínua aos alunos (desempenho), evitando exames; aulas norteavam-se pela modalidade de ateliê (encadernação, imprensa, mecanografia, desenho); o ensino língua estrangeira - francesa, etc. (Verissimo, 2007)

Em Barcelona visita as escolas de 'Baixeras' (diretor Pedro Vergiès) e escola 'La Farigola',

com a curiosidade dos professores prepararem os seus planos de aula, com reuniões diárias, logo de manhã, discutindo e refletindo sobre as planificações, assim como sobre os manuais escolares de acesso aos alunos, recorrendo a material de pesquisa na biblioteca, álbuns e material nos museus escolares. Os preceitos pedagógicos tinham um sentido prático e ativo. Visitou as ‘Escolas de Mar’ e ‘Escolas de Bosque’ (diretora Rosa Sensat), situadas na quinta Laribal – Montjuïc. Na Catalunha criou-se a partir de 1914, em termos de renovação pedagógica e com a ajuda dos municípios, escolas de ensino ao ar livre, na base duma metodologia ativa, com coeducação, aprendizagem significativa, interação na relação pedagógica, educação baseada na harmonia ‘ser humano-natureza’, adaptação do ensino às capacidades dos alunos, estimulação das aptidões pessoais, expressão corporal e musical.

Em Espanha interessou-se igualmente pelas escolas ‘*Avé Maria*’, fundadas em 1889, pelo Padre Andrés Manjón y Manjón (1846-1923), em Granada, com uma ideologia católica própria e uma prática pedagógica moderna, com procedimentos que exigiam a participação ativa dos alunos (aprendendo jogando), para além do contacto destes com a natureza físico-ambiental (Cruz, 1985). Essas escolas, destinadas a crianças pobres, vadias, mendigas e ‘perigosas’, difundiram-se por Espanha, entrelaçando medidas educativas protetoras com os hábitos de higiene (social, escolar) e elementos de medicina social (eugenismo). Esta ‘*boa educação*’, como a caracteriza J. Tomás (1958), utilizava material didático e lúdico, os jogos (vertente lúdica e recreativa), o sistema planetário e o mapa-mundo em relevo e submergido em água (no jardim da casa) para a geografia, para além de outros recursos úteis à aprendizagem. Este sistema educativo manjoniano era um ensino popular, gratuito e centralizado no aluno, fundamentado numa educação gradual e contínua, progressiva e ativa, de âmbito estético, moral e religioso, ou seja, um ensino adaptado às condições da criança, em cada idade, tal como defendia o seu fundador, e que entusiasmava os pedagogos visitantes (Prellezo García, 1975). Ora, todos esses elementos pedagógicos chamaram a atenção de J. Tomás, em especial: o ensinar no campo; o ensinar brincando e educar fazendo; o associar as letras, as ações e a aprendizagem de um ofício (escola moderna); o educar o ser humano cristão, na sua liberdade de aprender; a educação física escolar, como instrumento educativo e de ginástica militar (batalhões infantis) para implementar ideais patrióticos, mas assente na tríade ‘*higiene-natureza-jogos*’; acampamentos escolares; disciplina assumida pelos alunos com pouco esforço; organização escolar; construção de relógios de sol nos espaços naturais; etc. A génese destas escolas, sendo pioneiras na renovação pedagógica espanhola, estava na metodologia ativa proposta nos princípios da Educação Nova, mas sem reconhecimento do ‘Bureau International’ das Escolas Novas (Genève).

\*-Suíça (chegada a Genève maio/1930). J. Tomás contacta, por recomendação de Faria de Vasconcelos, o Instituto J. J. Rousseau dirigido por Pierre Bovet e visita a escola ‘*Maison des Petits*’



(diretora Mina Audemars e Louise Lafendel, colaboradora), destinada à formação de professores e ligada àquele Instituto. Analisa o projeto de ensino individual nesta escola, os aspetos psicopedagógicos e de pedagogia experimental. Observou, ainda, o funcionamento das escolas de Saint-Jean e de Mail, que aplicavam o método global e uso de meios visuais na aprendizagem da leitura, e ainda se desloca a Lausana para visitar aulas práticas na Escola Normal, aulas de primária em Vilamont, e analisa na escola nova ‘*La Châtaigneraie*’ (Founex, cantão Vaud) a aplicação do sistema de ‘*self-government*’.

\*-França (maio/1930). O professor português chega a Sedan para ver o funcionamento da aula experimental de R. Cousinet. Reúne-se a 30 de maio com este pedagogo que lhe explica o método de trabalho livre por grupos, que estava a ser aplicado por Madame Bertrand a 42 alunos, dos 9 aos 11 anos. Esta experiência é muito elogiada, destacando o desenvolvimento da personalidade dos alunos pelos valores essenciais, a aquisição de competências pela expressão, enriquecimento do conhecimento escolar, o aprender a aprender, a aprendizagem da vida social (grupo), o trabalho em grupo, etc. Desloca-se, ainda, a Lille para visitar a escola nova de D’Ampère, dirigida por J. Roger, anotando várias observações úteis.

\*-Bélgica (junho/1930). J. Tomás chega a 4 de junho a Bruxelas, contactando vários pedagogos e escolas, em especial a Escola Normal, dirigida por T. Jonckheere, e, a 11 de junho, a Escola de l’Ermitage de Decroly, por recomendação escrita de Faria de Vasconcelos, onde destaca: o método da globalização e a prática dos centros de interesses; o entusiasmo, liberdade e as atividades dos alunos numa escola pela e para a vida, associada ao papel do ambiente envolvente (jardim botânico) na aprendizagem; valoriza os ateliês, os laboratórios, as sessões de teatro, a ginástica; o regime de cogestão; e papel das expressões na formação, etc.

\*-França (finais de junho/1930). Chega a Paris e visita a escola Saint-Benoît, a escola de l’*Ille-de-France* (Liancourt), as cooperativas escolares em Saint-Jean-d’Angély (figura Hyppolite Profit) e l’*École des Roches* (Normandia), onde observa as atividades de aprendizagem e as desportivas, a educação física, o papel do ambiente (escola ao ar livre), sistema de ensino, etc. fazendo-lhe lembrar a obra de E. Demolins, de 1898, sobre esta instituição. A sua última visita é em Pau à escola montessoriana L’*Enfance Heureuse* (dirigida por Mlles Leroux e Riedel) (Verrisimo, 2007).

Nessas viagens, J. Tomás aprofunda a nova pedagogia, as metodologias/métodos inovadores, aprecia os sistemas educativos espanhóis, franceses e suíços onde, além da civilização em torno da cooperação, existia uma valorização profissional do professor, mas acima de tudo a educação da criança, enquanto ser primordial e nuclear do ensino. Os seus registos mencionam o lema defendido pelos belgas “*Il faut surtout amuser les enfants*” (Tomás, 1930a, pág. 365), valorizando o seu enriquecimento pedagógico que fez fortalecer as suas perspectivas pedagógicas e didáticas para o

ensino português. Das 23 conclusões do Relatório de visita, destacamos (Tomás, 1930a, pág. 366):

- [...] 1º - Que quasi todas as escolas lá fora procuram realizar o ensino por forma que o saber resulte mais do esforço dos alunos do que do trabalho dos professores;
- 4º - Que os castigos corporais nem sequer se concebem já no mundo pedagógico e que os melhores professores nada premeiam e pouco castigam, provindo todos os estímulos do interesse que o trabalho inspira e da satisfação que os espíritos infantis nele encontram;
- 5º - Que o método globalístico e audiovisual de leitura está em voga em quasi todas as escolas, sendo raros os professores que ainda recorrem aos processos silábicos, seja qual for a feição que revistam;
- 12º - Que as escolas novas não adotam já o sistema das carteiras vulgarmente usadas nas escolas oficiais, mas mesas alongadas ou redondas a que se sentam vários alunos, mobiliário que, além de permitir que o ensino revista uma feição mais prática e ativa, facilita a limpeza das salas;
- 14º - Que em toda a parte se ministram regularmente exercícios de ginástica e canto, como atos corretivos e equilibradores do trabalho formal.

A divulgação dessa obra reforça o prestígio de J. Tomás (1930b, pág. 1-2), pois dedica as seguintes palavras, sobre a ação do professor:

[...] Orientador consciente, sabe indicar com esclarecido conhecimento dos assuntos que ele próprio pratica com método e saber. Tem opiniões próprias, bem definidas, tem princípios assentes que defende com o valor real que lhe proporciona a sua atividade notável e sobretudo porque, uma prática honesta e sempre acompanhada com a elucidação dum estado continuado das modificações que a Ciência da Educação nos vai oferecendo.

É óbvio que J. Tomás viveu numa época de transformações ideológicas/políticas e educativas, até mesmo sociais e culturais, com influência de pedagogos do Movimento da Escola Nova, que exerceram grande influência no seu pensamento e visão pedagógica para o ensino e educação, em Portugal. É de lembrar que as múltiplas reinterpretações desenvolvidas no âmbito daquele movimento renovador ‘Escola Nova’, incluindo da vertente do catolicismo, onde incluímos J. Tomás, permitiram a exploração de novas opções didático-pedagógicas. Os diversos enfoques educativos, que ele defendia, numa perspectiva de pedagogia cristã e que tentou implementar, provém dessas influências que absorveu, por exemplo: do naturalismo pedagógico (influência do ‘*Emílio*’ de Rousseau e experiências de Pestalozzi –método espontâneo e ambiente das ‘*quintas pedagógicas*’); da impressão pedagógica do modelo das ‘*Escolas Avé-Maria*’ (pedagogia católica); o respeitar os ritmos de aprendizagem das crianças; a valorização dada aos materiais didáticos e à sua construção para o ensino; a experiência prática dos materiais naturais no ensino; a organização do trabalho (individual e em grupo); o papel das expressões, dos jogos ou ludicidade educativa (excursões, jogos, brincadeiras) na educação primária; a correta liberdade de aprender do aluno; a determinação da ação educativa do professor, no processo de formação (moral) do aluno; a educação com um propósito

social, etc. Estes vestígios pedagógicos, presentes nos seus escritos, associava-os aos valores humanos e à sua bondade cristã de professor (empatia com os alunos), que constituíam o fermento formativo do ser humano.

### 3 Algumas ideias para reter

Podemos dizer que, de acordo com a atual mudança de paradigma educativo para a educação e escola inclusiva, Joaquim Tomás foi um professor muito atual, admitindo uma educação para todos. Ele observava os alunos e lamentava que a realidade educativa portuguesa da sua época não estivesse adequada ao que as crianças necessitavam, nem os professores estavam aptos, em termos de formação, às metodologias para um adequado desenvolvimento harmonioso do aluno (Tomás, 1958). Este pedagogo não foi alheio à preocupação de integração e ensino desses alunos, pois na sua excursão pedagógica visitou algumas escolas inovadoras, as quais funcionavam com respeito máximo pelas capacidades de cada aluno, numa perspetiva sempre (psico)pedagógica e axiológica (Pintassilgo, 2018). A sua vertente didático-pedagógica centrou-se no desenvolvimento de publicações de apoio (livros de texto), programas de reabilitação específicos, chegando a destacar o importante papel de Langdon Down e de M<sup>a</sup> Montessori nos seus países (incluindo os problemas de aprendizagem), já que permitiram aprimorar os métodos mais favorecedores para o desenvolvimento dos portadores dessas necessidades especiais. Ele valorizou os materiais didáticos propostos por Montessori, o método global de Decroly, o trabalho em grupo de Cousinet, as quintas pedagógicas de Pestalozzi, as escolas Avé Maria, etc., para além da essencial adequação das metodologias às crianças com necessidades educativas especiais e, igualmente para as ditas normais (Tomás, 1958). Mesmo com esses esforços (didáticos) para que a educação e o ensino primário fossem melhores e mais atrativos para todas as crianças, não assistiu à democratização da escola do Pós 25 de Abril.

### Referências

ADÃO, Áurea. *O estatuto socioprofissional do professor primário em Portugal (1901-1951)*. Oeiras: F.C.G. – Instituto Gulbenkian de Ciência, 1984.

ALMEIDA, Alberto de Jesus. A escola primária ao serviço do Estado Novo em Portugal. *Cadernos de História da Educação*, vol. 10, 1, jan./jun., 13-31, 2011.

BIANCHI, J.J. Pinhaços de. O ensino escolar em Portugal desde a implantação da República até a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (1910-1986). *Contexto e Educação* (Rev. Editora Unijuí), Ano 15, n° 60, out./dez., p.7-46, 2000

CARVALHO, L. M. (2001). *A presença espanhola na imprensa pedagógica portuguesa, O caso da Revista Escolar, 1921-1935*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana

CARVALHO, R. *História do Ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime Salazar-Caetano*. Lisboa: F.C.G., 1986

CRUZ, V. de la. *Don A. Manjón, su tiempo, su vida y su obra*. Madrid: Ariel, 1985

GOULÃO, F. *Instrução Popular na Beira Baixa*. Castelo Branco: Alma Azul, 2003

GOULÃO, F. Joaquim Tomás - Educador Albicastrense. In: E. C. MARTINS (coord.), *Atas do V Encontro Ibérico de História da Educação*. Castelo Branco: Alma Azul, 2005, p. 563-568.

JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL. *Relatório dos trabalhos efetuados em 1929-1930*. Lisboa: JNE, 1930, p. 72-73

MÓNICA, M<sup>a</sup> Filomena. *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar (A escola primária salazarista, 1926-1939)*. Lisboa: Editorial Presença, 1978

NÓVOA, A.S. 'Tomás, Joaquim?'. In: A. NÓVOA (dir.), *Dicionário de Educadores Portugueses*. Lisboa: Edições ASA, 2003, p. 1377-1379

O SÉCULO. Figuras que marcam (Joaquim Tomás). *O Século*, 18 de setembro, p. 2 e 3, 1930

PINTASSILGO, J. A Educação Nova Em Portugal: Construção De Uma "Tradição De Inovação". *História Caribe*, vol. XIII, n<sup>o</sup> 33, 49-82, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15648/hc.33.2018.4>

PRELLEZO GARCÍA, J.M. *Manjón educador*. Madrid: Magistério Espanhol, 1975

PROENÇA, M<sup>a</sup> Cândida. *O Pensamento Pedagógico Republicano. Antologia*. Lisboa: INC, 2014

RECONQUISTA, Jornal (semanário). *Efemérides*, 24 de setembro, p. 13, 2004

SAMPAIO, J. Salvado. *O ensino primário (1911-1969): contribuição monográfica*. Vol. II: 2.º período (1926-1955). Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1976, p. 114-137

SANTOS, A. J. Alves dos. *O Ensino Primário em Portugal (Nas suas relações com a História Geral da Nação)*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1913

SERRA, Filipe Mascarenhas. A imagem nos manuais do ensino primário do Estado Novo. *Cultura*, vol. 21, p. 151-176, 2015.

SERRÃO, Vanda M<sup>a</sup> de Bragança. *O Ensino durante o Estado Novo em Portugal: O papel do professor*. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário no Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2018

TOMÁS, J. *Notas de Uma Excursão Pedagógica através das escolas da Espanha, França, Bélgica e Suíça*. Lisboa: Seara Nova, 1930<sup>a</sup>

TOMÁS, J. Escola ativa e ensino ativo. *A Escola Primária*, n<sup>o</sup> 115, p. 1-2, 1930b

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA & ALBERTY, R. Primeiros Passos (Leituras para a primeira classe). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932 a

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA & ALBERTY, R. *Pouco a Pouco* (Leituras para a segunda classe). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932b

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA & ALBERTY, R. *Mais a diante* (Leituras para a terceira classe). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932c

TOMÁS, J.; FRANCO, C.; ROSA & ALBERTY, R. *Finalmente* (Leituras para a quarta classe). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1932d.

TOMÁS, J. *A Escola e a formação cristã da juventude* (Separata Revista Lumen -Seminário Maior de Coimbra). Lisboa: Seara Nova, 1958

VERISSIMO, N. À travers l'Europe de l'Éducation nouvelle, le voyage pédagogique de Joaquim Tomás (1930). *Les Études Sociales*, n° 145, 1.º semestre, p. 51-58, 2007.